



JOSÉ LUIZ TAVARES

JOSÉ LUIZ TAVARES (Ilha de Santiago, n. 1967) nasceu no lugar de Chão Bom, numa das ilhas do arquipélago de Cabo Verde. Publicou os primeiros poemas na revista *Fragmentos*, do Movimento Pré-cultura. Em 1988 ingressou no curso de Literaturas Modernas e Filosofia da Universidade Nova de Lisboa, fixando-se na capital portuguesa. Colaborador do suplemento *DN Jovem* desde então, só em 2003 viria a publicar o primeiro livro: *Paraíso apagado por um trovão*. Com o livro de estreia almejou o Prémio Mário António, atribuído pela Gulbenkian, mas nunca mais parou. A sua obra, repartida pela poesia e pela tradução, tem granjeado honras relevantes em Portugal, Cabo Verde, Brasil e Espanha. Destaque para o Prémio INCM/Vasco Graça Moura, atribuído em 2018 ao livro *Instruções Para Uso Posterior ao Naufrágio*. Poemas seus estão traduzidos para inglês, espanhol, francês, alemão, italiano, catalão, letão, finlandês, russo, mandarim, neerlandês e galês. Traduziu para crioulo sonetos de Camões e a *Ode Marítima*, de Álvaro de Campos.

POSTAL DO INTENDENTE

Isto aqui é o paraíso —
fazer uma mija contra a sebe,
sem que a bófia nos interpele,
embora o frio nos morda a pele
e mil dele eu te deva.

Alguém chamaria a isto vida.
Diógenes teria encontrado aqui
o seu homem. Goethe o proto-tipo.
Ovídio não lamentaria o seu exílio
— alta estima tenho por ele
embora não perceba o latinório.

Amigos na folia, vejo cão
e perdigão. Mas uns bacanos
armados em al capone
semeiam deliciosa confusão.
Quando todos aguardavam o encore
abalaram de roldão.

Na contramão, cismando, ainda
lhes perguntei se de onde vinham
a manhã se bordava a fogo,
mas apenas a pólvora dos impropérios
e um arrote de aguardente velha deixaram
por essa pretérita manhã do burgo.

In *Lisbon Blues*, Abysmo, Outubro de 2015, p. 42.

TEORIA DO SONETO

Foda-se o soneto, esta forma
que enclausura o estro, a ideia
subjuga. Se por vezes esperneia,
basto segue a refinada norma —

(se se abre um curto parêntesis,
lá vai certo espaço para tanto
que se queria dizer, se não é pranto
tudo o que fica depois dos reveses).

Desta vez lhe é rezão a neve
que cedo bate nos estores
e lhe turva as linhas começadas

de uma canção onde se escreve
que, mais do que camonianas dores,
tudo é sangue duma vida de pancadas.

In *Instruções para uso posterior ao Naufrágio*, INCM, Setembro de 2019, p. 70.

LITANIA PARA A CIDADE QUE FALECE

Nestas esquinas já nem ecos de navalhas,
magalas, chulagem, cenas canalhas,
mas uma babel estranha fendendo a paz
dos bairros, mudo sossego já sob tenaz.

Segredos rapaces, temores de antes,
já sem a âncora do tardecer sereno:
uterinamente, à hora dos descantes,
és agora da turistagem o poiso pleno.

Surdo aos rogos suplicantes,
cego nas voltas do caminho longo,
o antigo amado rosto se faz oblongo
pelos cenográficos alcantis de antes.

Se hoje, por uns cobres, te sonham Nínive,
é a própria alma que te abocanham, ó urbe
que ombreira me foras, mas tanto me aturde
agora o som do pilim no alto amor que te tive.

In *Arder a Vida Inteira*, Abysmo, Maio de 2019, p. 56.

5.

É o duro sol dos trópicos
sobre o estendal de casas
que Fevereiro fere.
Bulha de vento nas empenas.
Pó até onde a vista se desobriga.

Muito habitualmente, a vida
é essa poeira soprada por tardas
veredas que colhem o princípio
da noite e o dia demorado
sem o susto que guarda
a primeira porta.

Debaixo dela repousarão as falas dos
amigos como inextinguíveis tesouros.
E por ela, necessariamente, entrará
o filho pródigo sem necessidade
de perdão:

extraviado que traz nos lábios
os desmedidos horizontes e o peso
das fronteiras, cedo cede à certeza
de que para o remorso basta
um só reflexo deflagrado
no turvo bebedouro da manhã.

In *Rua Antes do Céu*, Abysmo, Outubro de 2017, p. 65.

CANÇÃO DO FULGOR QUE FINDA

Já apagado o lume ao cobridor,
em só silêncio, matinal, se ergue.
Lá onde todo o fulgor se perde,
na madrugada latejando de torpor,

como sinais na neve teu nome
inda se lê: esse pisar leve que te
move, nem o tempo o derrete,
nem brutal caruncho o carcome.

Mas eu só com a mágoa me deito,
como um frio entrando de roldão,
ou um maldito tempo de garoa.

Por isso essa fumaça no peito,
mas a boca é sempre fonte de canção:
embora extinto, seu sol me algodoa.

De Seis Canções Fesceninas, in *Arder a Vida Inteira*,
Abysmo, Maio de 2019, p. 71.

